Revista Diversidade e Educação

COSTURANDO MEMÓRIAS, BORDANDO RESISTÊNCIA: A ARTE DE ROSANA PAULINO E AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS

TEJIENDO RECUERDOS, BORDANDO RESISTENCIA: EL ARTE DE ROSANA PAULINO Y LAS EXPERIENCIAS DE LAS MUJERES NEGRAS BRASILEÑAS

STITCHING MEMORIES, EMBROIDERING RESISTANCE: THE ART OF ROSANA PAULINO AND THE EXPERIENCES OF BLACK BRAZILIAN WOMEN

Raimunda Gomes Maciel[1]
Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo[2]
Ana D'Arc Martins de Azevedo[3]
José Mariano Klautau de Araújo Filho[4]
Douglas Junio Fernandes Assumpção[5]

RESUMO
O artigo analisa a obra de Rosana Paulino, destacando seu diálogo com a resistência das mulheres negras no Brasil. A artista e ativista usa sua arte para dar visibilidade às experiências das mulheres negras, questionando estereótipos e representações que perpetuam preconceitos. A análise foca nas dificuldades enfrentadas, especialmente a falta de oportunidades, como o acesso à educação. A arte de Paulino surge como um instrumento de resistência, permitindo que essas vozes silenciadas sejam ouvidas e suas vivências valorizadas. Ao analisar simbolicamente suas obras, o artigo revela como a artista incorpora elementos pessoais, memórias familiares e referências culturais africanas

[1] Mestra em Gestão de Recursos Naturais (UFPA). Universidade da Amazônia - UNAMA, Belém, Pará, Brasil.
[2] Doutora em Administração (Unama). Universidade da Amazônia - UNAMA, Belém, Pará, Brasil.
[3] Doutora em Educação/Currículo (PUC/SP). Universidade da Amazônia - UNAMA, Belém, Pará, Brasil.
[4] Doutor em Artes Visuais (USP). Universidade da Amazônia - UNAMA, Belém, Pará, Brasil.
[5] Doutor em Comunicação e Linguagens (UTP). Universidade da Amazônia - UNAMA, Belém, Pará, Brasil.

e religiosas para criar uma narrativa que desafia a marginalização histórica das mulheres negras. A trajetória dessas mulheres no Brasil é marcada por uma teia complexa de experiências históricas e sociais que refletem tanto as adversidades quanto a resiliência e força de um grupo que enfrenta múltiplas opressões.
PALAVRAS-CHAVE: Arte. Resistência. Mulheres negras. Educação.

RESUMEN
El artículo □razi l la obra de Rosana Paulino, destacando su diálogo um la □razi lis□a de las mujeres negras um Brasil. La artista y activista utiliza su arte para dar □razi lis□a□ a las experiencias de las mujeres negras, cuestionando los □razi lis□a□ y representaciones que perpetúan prejuicios. El análisis se enfoca um las dificultades que enfrentan, especialmente la falta de oportunidades, como el acceso a la educación. El arte de Paulino se presenta como um instrumento de □razi lis□a, permitiendo que estas □razi silenciadas sean escuchadas y sus vivencias valoradas. Al analizar □razi lis□a□te sus obras, el artículo revela □raz la artista incorpora elementos personales, memorias familiares y referencias culturales africanas y religiosas para crear um narrativa que □razi l la marginación histórica de las mujeres negras. La trayectoria de estas mujeres um Brasil está marcada por um compleja red de experiencias históricas y □razi li que reflejan tanto las adversidades como la □razi lis□a y fortaleza de um grupo que enfrenta múltiples opresiones.
PALABRAS-CLAVE: Arte. Resistencia. Mujeres negras. Educación.

ABSTRACT
The article analyzes the work of Rosana Paulino, highlighting her dialogue with the resistance of black womens in Brazil. The artist and activist uses her art to bring visibility to the experiences of black women, questioning stereotypes and representations that perpetuate prejudice. The analysis focuses on the difficulties they face, especially the lack of opportunities, such as access to education. Paulino's art serves as a tool of resistance, allowing these silenced voices to be heard and their experiences valued. Through a symbolic analysis of her works, the article reveals how the artist incorporates personal elements, □razi memories, and cultural and religious references □razi lis a narrative that challenges the historical marginalization of black women. The trajectory of these women in □razi lis marked by a complex web of historical and social experiences that reflect both the adversities they face and the resilience and strength of a group that endures multiple oppressions.
KEYWORDS: Art. Resistance. Black womans. Education.

***

Introdução

A memória, como conceito social e cultural é um dos pilares que sustentam a identidade de grupos marginalizados, especialmente as mulheres negras brasileiras. A obra de Rosana Paulino, artista visual e ativista, emerge como um espaço de articulação e ressignificação dessa memória, ao mesmo tempo em que denuncia as opressões históricas enfrentadas pelas mulheres negras. Nesse sentido, sua produção artística atua

contra aquilo que Grada Kilomba (2019) denomina de processos de silenciamento e apagamento das narrativas negras, possibilitando a recuperação de histórias historicamente marginalizadas.

Sua produção artística atua como um elo entre histórias individuais e coletivas, trazendo à tona dinâmicas complexas de resistência e resiliência das mulheres na sociedade brasileira, com obras que dialogam com as barreiras históricas enfrentadas pelas mulheres negras, revelando como as desigualdades estruturais limitam o acesso à educação e a outras oportunidades, perpetuando exclusões de ordem racial e de gênero. Como observa bell hooks (2019), a resistência feminina negra é forjada no enfrentamento cotidiano ao racismo e ao sexismo, transformando experiências de opressão em espaços de criação e afirmação identitária. Nesse sentido, a arte de Paulino exemplifica o que Lélia Gonzalez (1984) define como "lugar de fala" das mulheres negras, um território de enunciação em que memória, ancestralidade e luta se entrelaçam. Ademais, a resiliência presente em sua obra pode ser compreendida como a capacidade de reelaborar as dores históricas e pessoais, convertendo-as em potência criativa e instrumento de denúncia social (Neusa Souza, 2017).

Nesse contexto, o artigo explora como a artista emprega elementos íntimos, memórias de suas raízes familiares e símbolos da cultura africana e de tradições religiosas para construir uma estética visual que questiona as narrativas dominantes e confronta a exclusão histórica, haja vista que sua obra não apenas evidencia as opressões vividas pelas mulheres negras, mas também celebra a riqueza de suas histórias e culturas, enfatizando sua importância na construção da identidade brasileira.

A ancestralidade, nesse viés, pode ser compreendida como o elo que conecta o presente às memórias, saberes e experiências das gerações passadas, constituindo uma base simbólica e cultural que orienta práticas, valores e identidades coletivas. Conceição Evaristo (2017), evidencia que a ancestralidade não é apenas herança, mas um movimento contínuo de atualização da memória na vida cotidiana.

Além disso, é imperioso destacar que a memória pode ser compreendida como um processo social e coletivo de construção, preservação e transmissão de experiências, no qual o passado é constantemente reinterpretado à luz das necessidades e significados do presente. Para Maurice Halbwachs (2006) a memória é sempre uma reconstrução do passado, apoiada nas representações do presente e ajustada às convenções sociais, o que significa que ela não é apenas um depósito de fatos, mas um elemento ativo na formação de identidades individuais e coletivas.

Por isso, segundo Kyvia Monteiro (2018), é imperioso destacar que a trajetória das mulheres negras no Brasil é atravessada por um legado de desigualdades sociais, econômicas e culturais. No entanto, ela também é marcada por uma notável capacidade de reinvenção e resistência, que se reflete nas estratégias criativas usadas para preservar memórias e afirmar sua presença. Através de sua arte, Paulino (2018) transforma o espaço de marginalização em um palco de visibilidade, desafiando as estruturas que perpetuam a exclusão.

Em particular, a exposição "A Costura da Memória" — realizada na Pinacoteca de São Paulo em 2018, reúne mais de 140 obras produzidas entre 1993 e 2018, exemplifica esse movimento ao unir fragmentos de histórias pessoais e coletivas em uma narrativa visual que reivindica reconhecimento e dignidade. Ao costurar elementos que evocam memórias e ancestralidade, Paulino (2018) construiu um ato simbólico de peças, questionando o apagamento histórico e propondo novos modos de enxergar a contribuição das mulheres negras à sociedade brasileira. Sua arte, assim, transcende a estética, transformando-se em uma forma de resistência política e cultural que dialoga com a luta pela equidade e pela valorização da diversidade.

Dessa forma, a arte de Rosana Paulino não apenas resgata memórias, mas também reposiciona essas histórias em um lugar de centralidade e protagonismo, mediante técnicas como proteção, bordado e assemblagem, ela cria obras que dialogam com o passado e o presente, tecendo narrativas que questionam as estruturas de poder e a perpetuação do racismo e do sexismo na sociedade brasileira (Jonas Pimentel, 2016).

Portanto, o presente artigo objetiva explorar aspectos da obra de Rosana Paulina, em especial, a exposição "A costura da memória", destacando-a como um diálogo profundo e significativo com a história de resistência das mulheres negras na sociedade brasileira, haja vista que a artista oferece mais do que obras de arte; ela apresenta um espaço de reflexão e suas criações são apresentadas para um processo contínuo de desconstrução de paradigmas, propondo uma nova maneira de enxergar a história e valorizando as vozes que ajudaram a moldar o Brasil, reforçando que a memória, quando resgatada e reconstruída, é uma poderosa ferramenta de resistência e de luta por justiça social.

Nessa perspectiva, a memória quando resgatada e reconstruída, permite que vozes e experiências historicamente silenciadas sejam reativadas no presente. Para Michael Pollak (1989), a memória é um campo de disputas simbólicas, no qual diferentes grupos sociais buscam afirmar suas narrativas e legitimar suas identidades frente a versões

hegemônicas da história. Nessa perspectiva, recuperar memórias marginalizadas é um ato político que confronta o esquecimento imposto por estruturas de poder.

Paul Ricoeur (2007) acrescenta que a memória possui uma dimensão ética, uma vez que lembrar é também um dever voltado para a reparação e o reconhecimento das injustiças sofridas. Assim, o resgate e a reconstrução da memória se tornam instrumentos de mobilização coletiva, fortalecendo a resistência e alimentando a busca por justiça social.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, fundamentada na análise interpretativa da exposição A Costura da Memória (Paulino, 2018) e em produções teóricas relacionadas à memória, ancestralidade, feminismo negro e resistência. A abordagem adotada privilegiou a leitura dos elementos visuais e simbólicos presentes nas obras selecionadas, buscando compreender suas articulações com as experiências históricas e sociais das mulheres negras brasileiras.

A definição das categorias de análise ocorreu de forma indutiva e interpretativa, a partir da leitura aprofundada da exposição A Costura da Memória (Paulino, 2018) e do diálogo estabelecido com a literatura especializada sobre memória, ancestralidade, feminismo negro e resistência. Assim, foram identificados núcleos temáticos recorrentes tanto na produção artística de Rosana Paulino quanto nas discussões teóricas mobilizadas ao longo da pesquisa, resultando na delimitação de quatro categorias analíticas: a arte como ferramenta de resistência, memória e comunicação multissensorial; a costura como metáfora da reparação histórica; arte e resistência diante das dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras na luta por oportunidades; e a solidariedade e a coletividade como elementos de resistência.

A arte como ferramenta de resistência, memória e comunicação multissensorial

A obra de Rosana Paulino não é apenas um reflexo de sua experiência como mulher negra brasileira, mas também um manifesto visual contra o racismo estrutural, o machismo e a exclusão social. Nesse viés, a compreensão das desigualdades que atravessam a experiência das mulheres negras no Brasil exige considerar a interseção entre racismo estrutural, machismo, exclusão social e o legado histórico da escravização. O racismo estrutural, entendido como mecanismo sistêmico que organiza a sociedade e reproduz desigualdades raciais de forma persistente (Silvio Almeida, 2019), atua de maneira articulada ao machismo, sistema de opressão de gênero que, como aponta

Heleieth Saffioti (2004), naturaliza a superioridade masculina e aprofunda as desigualdades já impostas pelo racismo.

Esses dois sistemas, combinados, ampliam as barreiras de acesso à educação, ao trabalho digno e à participação política, resultando em processos de exclusão social que, segundo Robert Castel (1997), afastam indivíduos e grupos das redes de sociabilidade e cidadania. Tal realidade está enraizada no processo histórico de escravização — aqui compreendido como prática violenta e intencional de submeter populações africanas e afrodescendentes à condição de escravo, com impactos que perduram na estrutura social brasileira (Kabengele Munanga, 2015; Ana Pinto, 2018). O reconhecimento dessa herança e de suas intersecções é fundamental para compreender as formas contemporâneas de resistência e luta por justiça social.

Em "A Costura da Memória", Paulino (2018) explora a costura como metáfora para a reconstrução e reparação da história. Por meio de fragmentos de tecidos, fotografias e bordados, a artista recria narrativas que foram apagadas ou distorcidas pelo discurso hegemônico. Como afirma Monteiro (2018), a memória é tecida em suas obras para conectar o passado e o presente, destacando a luta contínua das mulheres negras por reconhecimento e dignidade.

Essa perspectiva é corroborada por Tatiana Marques e Rafael Myczkowski (2015), que apontam a obra de Rosana Paulino como uma tecedura das identidades das mulheres negras. A autora e o autor ressaltam que, ao unir fragmentos da história e da cultura afro-brasileira, a artista cria uma tapeçaria visual que reflete a resiliência dessas mulheres, que, ao longo dos séculos, enfrentaram a desumanização e a marginalização, mas continuaram a resistir e a forjar suas próprias narrativas.

Segundo Mariano Klautau Filho e Jorge Eiró (2020, p. 16) "o jogo possível entre imagem e texto [...] poderá ampliar a experiência dos trabalhos no encontro espaçotemporal com o público". Nesse sentido, é possível afirmar que essa afirmação sugere que uma combinação estratégica de imagem e texto pode enriquecer a experiência dos trabalhos artísticos ou comunicativos ao serem apresentados ao público em um determinado espaço e tempo.

É justamente este o sentido da arte como um veículo de comunicação multissensorial, haja vista que a arte, em suas mais variadas expressões, também pode ser considerada um veículo comunicacional, enquanto é possível estabelecer uma interseção entre a arte e a comunicação por meio da análise das mostras de arte que abrangem diferentes mídias, como fotografias, esculturas e gravuras.

Para Marcia Degani, Vagner Ribeiro e Isabelle Chariglione (2023), é imprescindível compreender como as mais variadas formas de expressão artística se comunicam com o público, não apenas visualmente, mas também por meio de outros sentidos e experiências sensoriais. Além disso, como podem explorar os efeitos emocionais e cognitivos da arte no público, considerando fatores como percepção, interpretação e memória.

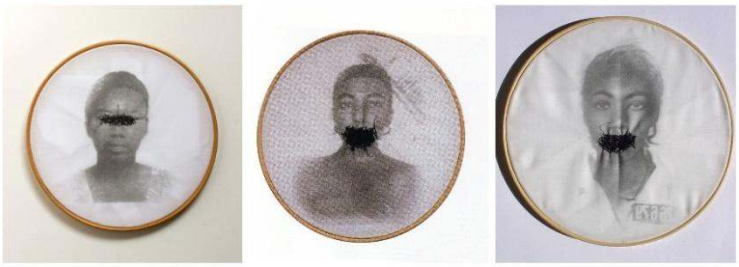
Rafael Souza e Ethel Santana (2023) sinalizam que a arte tem sido uma forma de expressão humana há milênios, transmitindo ideias, emoções e narrativas por meio de diferentes meios e técnicas, dessa forma, o acesso a obras de artes variadas vai além do plano visual, evocando sensações táteis, sonoras e emocionais nos espectadores, de modo que através dessa experiência multissensorial, a arte se torna um meio de comunicação poderoso, capaz de estabelecer conexões profundas entre artistas e público.

Portanto, de acordo com Rachel Vianna e Bernardo Oliveira (2023), a arte transcende os limites da linguagem verbal e estabelece uma comunicação única e complexa com o público, a exemplo das mostras de arte contendo fotografias, esculturas e gravuras que são capazes de criar um diálogo interativo que vai além do olhar casual, levando em consideração que as escolhas de composição, textura, forma e cor influenciam a percepção do público, mobilizando a atenção e interpretação, além de que a combinação de diferentes mídias em um ambiente expositivo único cria uma experiência imersiva que estimula sentidos múltiplos, reações emocionais e cognitivas transmitidas.

A Costura como metáfora da reparação histórica

No cerne da obra de Rosana Paulino está a ideia de que a memória é uma forma de costura, uma trama intrincada de histórias individuais e coletivas que, quando entrelaçadas, revelam a rica complexidade da experiência das mulheres negras no Brasil (Monteiro, 2018). A artista utiliza a metáfora da costura não apenas como um processo material, mas como uma alegoria da construção de identidade e da história, ligando passado, presente e futuro em uma narrativa que recusa o apagamento das vozes marginalizadas (Figura 01).

FIGURA 01: O apagamento das vozes marginalizadas



Fonte: Paulino (2018)

A obra analisada evidencia a abordagem de Rosana Paulino sobre a condição das mulheres negras no Brasil, utilizando elementos visuais que denunciam as marcas do racismo e do machismo presentes em suas experiências cotidianas. As linhas de costura, empregadas como metáfora da opressão, transformam-se em símbolos de resistência e denúncia das estruturas históricas de desigualdade, exclusão e discriminação racial e de gênero. Nesse sentido, a Figura 02 revela como tais mecanismos operam de forma articulada, reproduzindo desigualdades sociais e limitando o acesso a direitos e oportunidades (Castel, 1997; Almeida, 2019; Saffioti, 2004).

FIGURA 02: Metáforas da opressão

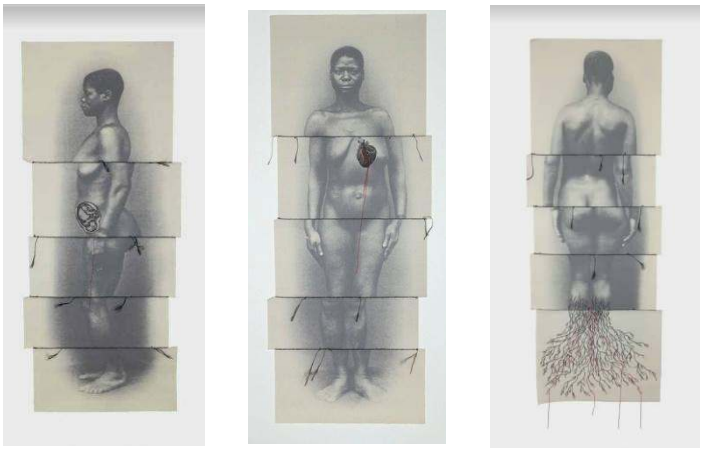


Fonte: Paulino (2018)

"A Costura da Memória", possibilita vislumbrar a representação de fragmentação, costura e reconstrução simbólica não apenas nos processos históricos e culturais

enfrentados pelas mulheres negras, mas também a resiliência que lhes possibilitou resistir e prosperar em meio às adversidades, através de suas representações visuais de figuras femininas, muitas vezes de forma fragmentada e não convencional (Figura 03).

FIGURA 03: Fragmentação da mulher negra



Fonte: Paulino (2018)

Monteiro (2018) destaca que a obra de Rosana Paulino dá vida às narrativas que foram historicamente marginalizadas ou suprimidas. Essa abordagem artística reflete a jornada das mulheres negras, que, ao longo da história, enfrentaram a desumanização e a negação de suas experiências, mas continuaram a se afirmar e a criar comunidades resilientes (Figura 04).

FIGURA 04: Desumanização da mulher negra



Fonte: Paulino (2018)

Percebe-se que a desconstrução das imagens tradicionais das mulheres negras é outro ponto de encontro entre a obra de Rosana Paulino e a história de resistência. A artista desafia estereótipos arraigados ao representar as mulheres negras em todas as suas dimensões, com suas lutas, triunfos e complexidades. Ao fazê-lo, ecoa a resistência histórica das mulheres negras, que se recusaram a ser definidas por narrativas

preconceituosas e se afirmaram como agentes ativos de mudança social e cultural (Figura 05).

FIGURA 05: Mulher negra em metamorfose



Fonte: Paulino (2018)

Além disso, "A Costura da Memória" também destaca o papel da solidariedade e da coletividade na história das mulheres negras no Brasil (Figura 06). De acordo com Marques e Myczkowski (2015), Rosana Paulino apresenta a ideia de que a costura das memórias individuais cria uma tapeçaria interligada de histórias, traumas e triunfos que formam uma rede de apoio e fortalecimento mútuo.

FIGURA 06: Mulher negra como fonte de solidariedade



Fonte: Paulino (2018)

A obra reflete como as mulheres negras historicamente se uniram para enfrentar desafios sistêmicos relacionados ao racismo, desde o momento em que estão sendo geradas, o que contribui para estabelecer uma tradição de resistência coletiva e empoderamento. O empoderamento, nesse contexto, pode ser compreendido como o processo pelo qual indivíduos ou grupos adquirem maior controle sobre suas vidas, fortalecendo sua capacidade de agir sobre condições sociais, políticas e econômicas que lhes afetam (Paulo Freire, 1987). Em relação às mulheres negras, o empoderamento não se restringe à esfera individual, mas se manifesta coletivamente, articulando

solidariedade, memória histórica e práticas de resistência que questionam estruturas de opressão como racismo, machismo e exclusão social (Regina Cruz, 2014).

Se evidencia que através de sua abordagem artística, alternativa e interdisciplinar, Rosana Paulino tece uma narrativa que une passado, presente e futuro, revelando a rica tapeçaria das experiências das mulheres negras e ressaltando a importância contínua da luta, resiliência e solidariedade na busca por justiça e igualdade, de tal modo que sua obra se revela verdadeiro testemunho poderoso da força das mulheres negras e de sua contribuição vital para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

Além disso, não se pode deixar de mencionar que a costura, presente como recurso simbólico na exposição de Rosana Paulino, ultrapassa o ato de remendar tecidos e se torna uma metáfora da reparação histórica. Segundo Andreia Kominek, Claudia Rabechi e Nanci Luz (2023), a trajetória das mulheres negras no Brasil é marcada por uma teia complexa de experiências históricas, sociais e culturais que refletem tanto a opressão quanto a resiliência. Nesse sentido, a costura, que em muitos contextos é vista como uma atividade feminina e doméstica, ganha uma nova conotação ao ser utilizada por Paulino para representar o processo de cura, resistência e reconstrução das identidades negras.

A obra "A Costura da Memória" não apenas resgata memórias individuais e familiares da artista, mas também evoca uma memória coletiva das mulheres negras, de modo que a costura, nesse contexto, é mais do que uma técnica; é um ato político de resistência, uma forma de recontar a história a partir da perspectiva das oprimidas.

Como apontam Rafael Souza e Ethel Santana (2023), a arte tem a capacidade de evocar emoções e sensações múltiplas, criando uma experiência multissensorial que envolve o espectador e o conecta com a obra de maneira profunda. Portanto, a costura torna-se um meio de comunicação entre o passado e o presente, entre a artista e o público, transcendendo a limitação da linguagem verbal.

Arte e resistência: as dificuldades das mulheres negras e a luta por oportunidades

Kominek, Rabechi e Luz (2023) destacam que ao longo dos séculos, as mulheres negras no Brasil desempenharam papéis cruciais em diferentes esferas da sociedade, porém, na maioria das vezes foram relegadas às margens, invisibilizadas e subalternizadas. Diante disso, a obra de Rosana Paulino desponta como um exemplo de diálogo fundamental e complexo com essa história de resistência, na qual emergem as suas características de artista visual e ativista renomada, pois revisita uma abordagem rica

e multifacetada que se destaca como experiências e narrativas das mulheres negras no Brasil, reafirmando que suas criações artísticas não apenas fortalecem as vozes silenciadas ao longo do tempo, mas também questionam e desafiam as representações tradicionais que frequentemente perpetuam estereótipos e preconceitos.

Dessa forma, a citada obra deve ser considerada um ato de resgate e reconstrução da história das mulheres negras brasileiras, sobretudo quando se considera que a produção artística da autora é centralizada na discussão do racismo estrutural no Brasil, a presença contínua dos vestígios da escravidão, os padrões de beleza feminina e a condição das mulheres negras na sociedade.

Através de suas obras, a artista confronta diretamente os desafios e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras, especialmente no que diz respeito à falta de oportunidades de acesso à educação. Importante mencionar que dados revelam que, apesar dos avanços nas últimas décadas, as mulheres negras ainda enfrentam barreiras significativas na entrada e permanência no sistema educacional brasileiro.

De acordo com Samuel Castellanos (2022), apenas 13,9% das mulheres negras concluem o ensino superior, em comparação com 32,9% das mulheres brancas e essa disparidade reflete as profundas desigualdades estruturais que permeiam a sociedade. Ao revisitar realidades como essa em suas obras, Rosana Paulino amplia a consciência do público sobre as barreiras que as mulheres negras enfrentam, especialmente no campo educacional.

Peças como “Assentamento” e “Bastidores” que utilizam elementos como linhas de costura, tecidos e bordados para criar metáforas sobre os fios que prendem as mulheres negras a uma teia de opressão e exclusão também são exemplos de obras que se tornam um ato de denúncia e resistência, provocando o espectador a confrontar e repensar as estruturas sociais que perpetuam as desigualdades.

Desse modo, a arte de Rosana Paulino se torna um instrumento fundamental de resistência, confrontando as narrativas hegemônicas e abrindo espaço para que as experiências e as lutas das mulheres negras brasileiras sejam reconhecidas, valorizadas e celebradas, de modo que sua produção artística não apenas ilumina as dificuldades enfrentadas, como também aponta caminhos para a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Segundo Jonas Pimentel (2016), a produção artística de Rosana Paulino surge como um poderoso instrumento de resistência que permite que as vozes e experiências das mulheres negras brasileiras sejam ouvidas e valorizadas, pois ao explorar as

possibilidades multissensoriais da expressão artística, a artista consegue alcançar uma conexão profunda com o público, transcendendo as limitações da linguagem verbal e criando um diálogo significativo com a história de resistência das mulheres negras na sociedade brasileira.

É, então, através da análise simbólica de suas obras que se torna possível observar como Rosana Paulino utiliza elementos pessoais, memórias familiares e referências à cultura africana e religiosa para criar uma narrativa que desafia a marginalização histórica das mulheres negras, transformando sua arte em um ato de resgate e reconstrução dessa história, revisitando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras, especialmente no que diz respeito à falta de oportunidades, principalmente no acesso à educação.

Portanto, ao apresentar essas narrativas silenciadas, as obras de Rosana Paulino evidenciam a importância contínua de reconhecer, celebrar e amplificar as vozes das mulheres negras na sociedade brasileira, de modo que se torna fundamental classificar sua arte como um instrumento poderoso de resistência, forjando uma memória coletiva e uma trajetória de luta e superação que merece ser valorizada e preservada.

A Desconstrução dos estereótipos das mulheres negras

As mulheres negras na sociedade brasileira têm a sua trajetória marcada por uma combinação de opressões históricas que convergem no racismo e no machismo, perpetuando estereótipos e limitando o acesso a oportunidades essenciais. Desse modo, a construção social das mulheres negras foi, por muito tempo, baseada em imagens desumanizadoras e estigmatizantes, que negaram a complexidade de suas experiências e a diversidade de suas identidades.

Djamila Ribeiro (2019) destaca que a desconstrução desses estereótipos é fundamental para a construção de novas formas de representação social, permitindo que mulheres negras ocupem espaços de fala e produção de conhecimento historicamente negados.

Historicamente, as mulheres negras foram colocadas à margem da sociedade brasileira, sendo frequentemente representadas em papéis subalternos e estereotipados. Segundo Ângela Davis (2016), o legado da escravidão e do colonialismo criou uma imagem das mulheres negras como trabalhadoras braçais, hipersexualizadas e desprovidas de intelectualidade, de modo que essa visão reducionista foi perpetuada por

séculos, desumanizando-as e limitando suas possibilidades de ascensão social e educacional.

Esses estereótipos têm como consequência a invisibilização das mulheres negras em espaços de prestígio e poder, como a academia e o mercado de trabalho qualificado. De acordo com Sueli Carneiro (2003), a mulheres negras sofrem uma dupla discriminação: de gênero e de raça, o que agrava ainda mais as barreiras no acesso à educação e ao trabalho. A falta de acesso a uma educação de qualidade é um dos principais fatores que perpetua a exclusão das mulheres negras em diferentes esferas da sociedade.

A educação é uma das principais ferramentas de emancipação social e econômica, mas, para as mulheres negras, o acesso a esse direito básico tem sido historicamente negado ou dificultado. Conforme apontam Djamila Ribeiro e Nilma Gomes (2020), a exclusão das mulheres negras do sistema educacional formal é uma das formas mais profundas de perpetuação das desigualdades raciais e de gênero.

No Brasil, o racismo estrutural é refletido no sistema educacional, onde as mulheres negras enfrentam obstáculos que vão desde a falta de recursos e oportunidades até o preconceito direto em ambientes escolares e universitários. Como explica Silvio Almeida (2019), o racismo estrutural se manifesta nas instituições e práticas sociais, incluindo o campo educacional, reproduzindo desigualdades históricas e naturalizando a exclusão. Nesse sentido, Sueli Carneiro (2005) destaca que essa realidade reforça a necessidade de políticas afirmativas e ações pedagógicas antirracistas para enfrentar a reprodução das desigualdades.

A pesquisa de Mário Theodoro (2018) destaca que, embora tenha havido um aumento no número de mulheres negras em universidades, esse avanço ainda é insuficiente para corrigir as desigualdades históricas. Muitas dessas mulheres enfrentam dificuldades financeiras, falta de representatividade e, muitas vezes, precisam conciliar os estudos com o trabalho e o cuidado com a família, o que limita suas possibilidades de sucesso acadêmico.

Além disso, o racismo institucional presente nas universidades brasileiras cria um ambiente hostil para essas mulheres, que são muitas vezes as primeiras de suas famílias a acessar o ensino superior. De acordo com Luciana Jaccoud e Nathalie Beghin (2002), o racismo institucional se manifesta quando organizações e instituições mantêm práticas, rotinas e normas que, mesmo sem intenção declarada, resultam na exclusão ou desvantagem sistemática de determinados grupos raciais. No caso das mulheres negras

no ensino superior, esse racismo se expressa não apenas por meio de barreiras formais, mas também por microagressões, isolamento e ausência de representatividade acadêmica (Carneiro, 2005). Esse cenário reforça as desigualdades históricas e dificulta a plena permanência e ascensão dessas estudantes no ambiente universitário.

Nesse cenário de exclusão e marginalização, a arte de Rosana Paulino emerge como um instrumento de resistência e desconstrução dos estereótipos das mulheres negras. De acordo com Ana Laura Silva (2024), seu ingresso no curso de Artes Plásticas da Universidade de São Paulo, na década de 1980, ocorreu em um contexto histórico marcado pela presença extremamente reduzida de mulheres negras nos espaços acadêmicos de formação artística, reflexo das barreiras estruturais impostas pelo racismo e pelo machismo no Brasil. Até então, a participação de mulheres negras nas artes visuais brasileiras era quase invisível nos circuitos institucionais, sendo restrita por fatores como o limitado acesso ao ensino superior, a ausência de políticas afirmativas e a perpetuação de estereótipos que marginalizavam sua produção. Rosana Paulino, ao se formar e consolidar sua carreira, não apenas rompeu com essa lógica de exclusão, mas também utilizou sua obra para questionar as representações tradicionais das mulheres negras e resgatar as memórias e histórias apagadas pela narrativa dominante.

Como afirma Pimentel (2016), Rosana Paulino desafia os estereótipos ao retratar as mulheres negras em toda a sua complexidade, destacando sua resiliência, força e capacidade de reconstrução. Ao reconfigurar imagens de mulheres negras, muitas vezes de forma fragmentada, a artista evidencia como essas mulheres foram historicamente desumanizadas, mas também como resistem e se reconstroem diante das adversidades.

A arte, portanto, torna-se uma forma de denunciar as desigualdades e, ao mesmo tempo, de afirmar a importância de novas narrativas com as mulheres negras. Segundo Rachel Vianna e Bernardo Oliveira (2023), a arte contemporânea de artistas como Rosana Paulino é uma ferramenta crucial para a desconstrução de estereótipos, pois cria um espaço onde as vozes e experiências das mulheres negras podem ser ouvidas e valorizadas. Ao desafiar as imagens tradicionais e estigmatizantes das mulheres negras, a artista contribui para uma nova compreensão sobre a sua identidade e o seu papel na sociedade.

A desconstrução dos estereótipos das mulheres negras na sociedade brasileira é uma tarefa urgente e necessária para poderem emergir novas narrativas que valorizem suas experiências e conquistas. As dificuldades enfrentadas por essas mulheres, especialmente no acesso à educação, são reflexos de um sistema social e político que perpetua as

desigualdades raciais e de gênero. No entanto, a resistência das mulheres negras, exemplificada pela arte de Rosana Paulino, tem sido uma força transformadora na luta por reconhecimento e justiça.

A obra de Rosana Paulino não apenas desafia os estereótipos históricos, mas também oferece um espaço de visibilidade e valorização para as mulheres negras, reafirmando sua importância na construção da sociedade brasileira. Ao utilizar a arte como um meio de resistência e reconstrução, a artista contribui para a criação de novas narrativas sobre as mulheres negras, rompendo com os estigmas que por tanto tempo as aprisionaram e abrindo caminho para uma sociedade mais justa e inclusiva. Nessa perspectiva, percebe-se que um dos aspectos mais marcantes da obra de Rosana Paulino é sua capacidade de desconstruir os estereótipos associados às mulheres negras.

De acordo com Nancy Fraser (2006), a justiça social exige tanto a redistribuição de recursos materiais quanto o reconhecimento das identidades e culturas historicamente marginalizadas, sendo a superação das representações estigmatizantes condição indispensável para a construção de uma sociedade igualitária. Nesse sentido, resgatar e reconstruir a imagem das mulheres negras no espaço público é um ato que contribui para reparar injustiças históricas e promover a equidade.

Paulino (2018), no entanto, desafia essas representações ao retratar a complexidade e a riqueza das experiências dessas mulheres. De acordo com Vianna e Oliveira (2023), a arte de Rosana Paulino transcende os limites da linguagem verbal e estabelece um diálogo visual que desafia o espectador a questionar as imagens tradicionais das mulheres negras. Portanto, ao utilizar figuras femininas fragmentadas e costuradas, a artista sugere a violência simbólica e real que essas mulheres enfrentaram ao longo da história, mas também destaca sua capacidade de se reconstruírem.

Como afirma Monteiro (2018), a fragmentação presente nas obras de Paulino não é apenas um reflexo da violência histórica, mas também uma representação da resiliência e da capacidade de reconfiguração das mulheres negras. Elas não apenas sobreviveram às adversidades, mas também se tornaram agentes de transformação social e cultural.

A solidariedade e a coletividade como elementos de resistência

Outro tema central na obra de Rosana Paulino é a solidariedade entre as mulheres negras. Segundo Tatiana Marques e Rafael Myczkowski (2015), Rosana Paulino apresenta a ideia de que a costura das memórias individuais cria uma tapeçaria interligada

de histórias, traumas e triunfos que formam uma rede de apoio e fortalecimento mútuo. Através dessa narrativa, a artista destaca o papel da coletividade na resistência das mulheres negras contra o racismo e o machismo. A coletividade, muitas vezes invisibilizada, é um elemento essencial para a sobrevivência e a luta dessas mulheres. Segundo Patricia Collins (2019), as redes de apoio e solidariedade formadas entre mulheres negras desempenham papel central na resistência às opressões interseccionais, funcionando como espaços de partilha de saberes, estratégias de enfrentamento e fortalecimento identitário. Essas coletividades não apenas garantem suporte emocional e material, mas também constituem um campo político que confronta o isolamento imposto pelo racismo e pelo sexismo, criando condições para a ação transformadora e para a construção de uma memória coletiva de resistência.

Esse aspecto também é enfatizado por Kominek, Rabechi e Luz (2023), que afirmam que as mulheres negras, ao longo da história, desempenharam papéis cruciais na construção do Brasil, apesar de serem frequentemente relegadas às margens da sociedade. A obra de Rosana Paulino, ao destacar a solidariedade entre essas mulheres, resgata a importância de suas contribuições e reafirma sua centralidade na luta por justiça e igualdade.

Isso se deve ao fato de que, como já frisado, a trajetória das mulheres negras no Brasil é marcada por uma série de desafios históricos e contemporâneos, resultantes da combinação entre racismo e machismo — conceitos que, para uma análise consistente, precisam ser explicitados e fundamentados teoricamente. O racismo, entendido como prática e ideologia que hierarquiza grupos raciais, adquirindo no Brasil uma forma estrutural que permeia as instituições e as relações sociais (Almeida, 2019), articula-se ao machismo, sistema cultural e político que sustenta a desigualdade de gênero e naturaliza a subordinação das mulheres (Saffioti, 2004). Essas opressões estruturais, manifestas nas esferas econômica, social, educacional e cultural, impõem barreiras que não podem ser enfrentadas apenas de forma individual, exigindo estratégias coletivas de resistência e transformação social.

Nesse contexto, a solidariedade e a coletividade emergem como elementos fundamentais de resistência, pois possibilitam que as mulheres negras construam redes de apoio mútuo capazes de potencializar sua atuação política e social. Essas redes fortalecem a capacidade de enfrentar adversidades e criar espaços de afirmação e empoderamento — entendido como um processo coletivo e individual de conquista de poder, autonomia e consciência crítica sobre as estruturas opressoras, que permite

transformar condições de desigualdade (bell Hooks, 2019; Srilatha Batliwala, 2007). Assim, a coletividade não apenas sustenta a sobrevivência dessas mulheres, mas também se torna instrumento estratégico para a transformação social e o rompimento com sistemas de dominação.

A invisibilidade das mulheres negras na sociedade brasileira é agravada por estereótipos racistas e sexistas, que as colocam em posições de subalternidade, de modo que no mercado de trabalho, elas são frequentemente confinadas a empregos precários e mal remunerados, como o trabalho doméstico, o que limita suas oportunidades de ascensão social e econômica.

Diante desse cenário de opressão, a solidariedade entre mulheres negras surge como uma forma eficaz de resistência. Como afirma bell hooks (2019), a construção de comunidades solidárias é uma estratégia crucial para enfrentar as opressões sistêmicas. A solidariedade, nesse sentido, não é apenas um ato de apoio mútuo, mas uma forma de fortalecer a identidade coletiva e resistir aos discursos e práticas que buscam desumanizar as mulheres negras, funcionando como um mecanismo de fortalecimento político e social diante de opressões estruturais. Como argumenta Patricia Collins (2019), a solidariedade entre mulheres negras constitui um pilar do pensamento feminista negro, pois cria espaços de partilha, construção de saberes e ação coletiva capazes de desafiar a hegemonia racial e patriarcal.

Ribeiro e Gomes (2020) enfatizam que a história das mulheres negras no Brasil é repleta de exemplos em que a solidariedade foi fundamental para a sobrevivência e resistência. Durante o período da escravização, as mulheres negras formaram redes de apoio que as ajudaram a resistir às violências diárias, criando estratégias coletivas de sobrevivência que iam desde o cuidado mútuo até a preservação de práticas culturais e religiosas. Segundo Gomes (2017), essas redes não apenas garantiam apoio emocional e material, mas também funcionavam como espaços de preservação da memória e de construção de identidades coletivas que resistiam à lógica opressora do sistema escravista. Essas redes foram mantidas e ampliadas no período pós-abolição, quando as mulheres negras se organizaram em torno de questões como o acesso à terra, ao trabalho digno e à educação, de modo que a tradição de solidariedade entre mulheres negras é uma estratégia resiliente que continua a ser uma força motriz na luta contra as desigualdades contemporâneas.

É nesse contexto que a coletividade, assim como a solidariedade, tem sido um dos pilares da resistência das mulheres negras. O conceito de coletividade vai além do apoio

mútuo entre indivíduos, englobando a construção de espaços e movimentos que buscam transformar a realidade sociopolítica. Como aponta Collins (2017), a coletividade é fundamental para a criação de uma resistência organizada, pois permite que as vozes das mulheres negras, muitas vezes silenciadas, sejam amplificadas e ouvidas.

No Brasil, movimentos sociais de mulheres negras, exemplificam como a coletividade tem sido um instrumento fundamental de luta, pois atuam em diferentes frentes, desde a denúncia do racismo e do sexismo até a criação de espaços de formação política e empoderamento, de modo que a organização coletiva dessas mulheres permite que suas pautas sejam reconhecidas ao nível nacional, influenciando mudanças nas políticas públicas e no debate sobre igualdade racial e de gênero.

Além disso, a coletividade tem sido um espaço de cura e fortalecimento emocional para as mulheres negras. Segundo bell Hooks (2019), o processo de cura coletiva é essencial para superar os traumas gerados pela opressão racial e de gênero, pois ao se reunirem em espaços coletivos, as mulheres negras podem compartilhar suas experiências e encontrar suporte emocional e psicológico, o que fortalece sua capacidade de resistir aos desafios impostos pela sociedade.

E ainda, a arte também tem se mostrado um importante veículo de expressão da solidariedade e da coletividade entre mulheres negras. Artistas como Rosana Paulino utilizam suas obras para retratar as lutas e as resistências das mulheres negras, criando narrativas visuais que destacam a importância da solidariedade e da coletividade (Monteiro, 2018).

A costura, nesse contexto, simboliza a interligação das histórias e das resistências das mulheres negras, que, através da união, conseguem reconstruir suas narrativas e afirmar suas identidades. A arte, portanto, torna-se um espaço de resistência em que a coletividade é ressaltada como uma forma de superar as adversidades impostas pelo racismo e pelo machismo.

Com isso, a solidariedade e a coletividade são elementos centrais na resistência das mulheres negras na sociedade brasileira. Diante das opressões raciais e de gênero que limitam seu acesso a oportunidades e direitos, essas mulheres têm se organizado de forma coletiva para enfrentar os desafios e transformar a realidade à sua volta. A história demonstra que a união entre mulheres negras, seja por meio da criação de redes de apoio ou de movimentos sociais, tem sido uma estratégia na luta contra a exclusão e a marginalização.

Dessa forma, a arte, como ferramenta de expressão e resistência, também tem desempenhado um papel crucial na representação da solidariedade e coletividade entre as mulheres negras, como exemplificado pela obra de Rosana Paulino. Por meio dessas formas de resistência, as mulheres negras não apenas enfrentam as adversidades, mas também criam espaços de afirmação e empoderamento, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A arte, especialmente a obra "A Costura da Memória" é um testemunho poderoso da resistência e resiliência das mulheres negras brasileiras. Ao tecer memórias individuais e coletivas, Rosana Paulino não apenas resgata histórias apagadas, mas também forja novas narrativas de resistência e empoderamento. Sua obra transcende o campo da arte visual, tornando-se um espaço de diálogo e reflexão sobre a opressão histórica e a luta contínua das mulheres negras por reconhecimento e justiça.

Portanto, a obra de Rosana Paulino se revela como um importante marco na arte contemporânea brasileira, destacando-se por sua capacidade de criar uma narrativa visual que conecta passado, presente e futuro, e por sua contribuição para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

Considerações Finais

Ao analisar os elementos visuais e simbólicos presentes nas obras de Rosana Paulino, esta pesquisa contribuiu para uma compreensão mais profunda das formas pelas quais a artista articula um diálogo poderoso com a história de resistência das mulheres negras na sociedade brasileira.

Além disso, os resultados podem destacar a maneira como as exposições de arte são projetadas e organizadas, considerando a importância da interação sensorial e emocional com o público. Dessa forma, ao explorar as possibilidades multissensoriais da expressão artística, os artistas têm a capacidade de alcançar uma conexão profunda com o público, transcendendo a limitação da linguagem verbal, como se pôde observar a partir das obras de Rosana Paulino apresentadas no decorrer do artigo.

Portanto, esta pesquisa foi capaz de destacar a importância de considerar a interação sensorial e emocional na criação e apresentação da arte, expandindo a compreensão sobre a comunicação humana e o potencial transformador da experiência artística, possibilitando o alcance pleno do objetivo de estabelecer um diálogo com a história de resistência da mulher negra na sociedade brasileira, confirmando o pressuposto de que

"A Costura da Memória" de Rosana Paulino surge como uma obra que possibilita esse diálogo profundo e significativo com a história de resistência da mulher negra na sociedade brasileira.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.

BATLIWALA, Srilatha. **The meaning of women's empowerment:** new concepts from action. In: SEN, Gita; GERMAIN, Adrienne; CHEN, Lincoln C. (orgs.). Population policies reconsidered: health, empowerment, and rights. Boston: Harvard University Press, 2007. p. 127-138.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9066. Acesso em: 20 jan. 2025.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. 355 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social:** uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1997.

CASTELLANOS, Samuel Luís Velázquez. Libraries in public education in Maranhão Empire: books, readings and readers **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/NfyHp5WL87r7kMqncwxSpQJ/?lang=en#. Acesso em: 21jan. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRUZ, Regina M. **Empoderamento de mulheres negras:** estratégias de resistência e construção de identidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEGANI, Márcia; RIBEIRO, Vagner Lacerda; CHARIGLIONE, Isabelle Patriciá Freitas Soares. Estimulação da memória através de circuito multissensorial: um relato de experiência. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 28, 2023. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/94418. Acesso em: 21 jan. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 6. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FRASER, Nancy. **Redistribuição, reconhecimento e participação:** por uma concepção integrada de justiça. In: SARMENTO, Daniel; IKAWA, Daniela; PIOVESAN, Flávia (orgs.). Igualdade, diferença e direitos humanos. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. p. 167-190.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. R**evista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

JACCOUD, Luciana; BEGHIN, Nathalie. **Desigualdades raciais no Brasil:** um balanço da intervenção governamental. Brasília: IPEA, 2002.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KLAUTAU FILHO, Mariano; EIRÓ, Jorge Leal. Terrane de Ane Lira - Trauma de Ivan Padovani: o discurso do artista, o discurso da obra. **Concinnitas**, v. 21, n. 38, 2020. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/50325/35349 Acesso em: 20 jan. 2025.

KOMINEK, Andrea Maila Voss; RABECHI, Claudia Nociolini; LUZ, Nanci Stancki da Luz Stancki. A resistência nunca esmorece. **Cadernos de gênero e tecnologia**, v. 16, n. 47, 2023. Disponível em: file:///C:/Users/55919/Downloads/17418-68642-1-PB.pdf Acesso em: 20 jan. 2025.

MARQUES, Tatiana Lee; MYCZKOWSKI, Rafael Schultz. Identidade tecida: Rosana Paulino costurando os sentidos da mulher negra. **Revista Estúdio, Artistas sobre outras obras**. v. 07, n. 13, p. 95-103, 2015. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/223237279.pdf Acesso em: 20 jan. 2025.

MONTEIRO, Kyvia Kelly dos Santos. **Rosana Paulino**: representação da mulher afro-brasileira. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/38099/1/RosanaPaulinoRepresentacaoAfroBrasileira_Monteiro_2018.pdf Acesso em: 21 jan. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PAULINO, Rosana. **A costura da memória.** São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

PIMENTEL, Jonas. **Rosana Paulino**: a mulher negra na arte. 2016. Disponível em: https://www.geledes.org.br/rosana-paulino-mulher-negra-na-arte/?amp=1&gclid=Cj0KCQjwldKmBhCCARIsAP-0rfzM_TM1G_uMYSU3x_7t3RkNBPU8SlhZQvEcfjnyya0WVnEKtYue_OwaAqyqEALw_wcB Acesso em: 20 jan. 2025.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de liberdade:** literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila; GOMES, Nilma Lino. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

SILVA, Ana Laura Terto da. Da sutura, o refazimento : a arte de Rosana Paulino como caminho para uma etnografia do corpo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2024.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.

SOUZA, Rafael Ferreira de; SANTANA, Ethel Pinheiro. **Experiências fantasmagóricas por entre vãos:** Corpo, arte e arquitetura nas infiltrações em ruínas. Revista de Arquitetura Cidade e Contemporaneidade, v. 07, ed. 25, p384-396. Disponível em: https://web.s.ebscohost.com/abstract?direct=true&profile=ehost&scope=site&authtype=crawler&jrnl=25267310&AN=164979612&h=RxgDHWdRj7OrU%2fywNzHMtkwMVX2pv%2fcVj5A66DbeYAzCw2wl55YOZK%2fUvOHU%2fgG2yAX9bcHD1ooo9%2fbhjzmkcQ%3d%3d&crl=c&resultNs=AdminWebAuth&resultLocal=ErrCrlNotAuth&crlhashurl=login.aspx%3fdirect%3dtrue%26profile%3dehost%26scope%3dsite%26authtype%3dcrawler%26jrnl%3d 25267310%26AN%3d164979612 Acesso em: 04 ago. 2024. VIANNA, R.S

THEODORO, Mário. **O racismo estrutural no Brasil**. Brasília: IPEA, 2018.

VIANNA, Rachel de Sousa; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de**. Curadoria educativa de artes visuais:** um processo de construção de parâmetros para os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio. Ahead of Print,2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ars/a/WGx5bZjQnJHVFPCN8KKmJ4w/?lang=pt# Acesso em: 05 ago. 2024.

Recebido em agosto de 2025.

Aprovado em julho de 2026.